

DE MEMÓRIA

João Lóio

Deram-me uma rola. Agora dorme. Fiz-lhe uma prateleira de vidro e um ninho de madeira.

Também tem um poleiro de madeira que sai do ninho de madeira. Mas a prateleira é de vidro transparente, pregada na parede do meu quarto.

A rola costuma sujar tudo que seja sólido e existente no quarto. Mas vem perdendo em hábito e, ultimamente, só suja o vidro.

É muito mansa. Penso mesmo que com aquela mansidão poderia ganhar uma guerra, ou sentirem-se ridículos os tanques e os homens.

Ainda não falámos um com o outro. Eu também tenho sido um pouco grosseiro para com ela. Digo-lhe: já cagaste tudo, minha puta? Claro está que ela me olha com aquele ar manso e acabo sempre por ficar envergonhado e disfarço logo enquanto limpo os estragos.

Talvez um dia falemos um com o outro. Mas temos tempo. Para já cada qual perde-se nos seus pensamentos.

Ficamos, por vezes, a olhar o monte azul em frente à minha janela, ela no meu ombro e o meu ombro por baixo dela, cada um absorto nos seus pensamentos.

Não sou curioso quanto ao passado ou ao futuro da vida dela. Ela também nada pergunta em relação a mim.

Será que somos o casal perfeito?

Vou ensinar-lhe música. Talvez ela me ensine a voar ou me mantenha na esperança disso, o que já era bom.

A rola dorme mansamente na sua prateleira de vidro: vem de mansinho embalar o teu menino...